

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Queer Lisboa: William E. Jones
25 de Setembro de 2024

DISCREPANCY

Realização: William E. Jones / Estados Unidos, 2017 – 10 min / Cópia: DCP, cor, legendada electronicamente em português

ALL MALE MASH UP

Realização: William E. Jones / Estados Unidos, 2006 – 30 min / Cópia: DCP, cor, legendada electronicamente em português

V.O.

Realização: William E. Jones / Estados Unidos, 2006 – 59 min / Cópia: DCP, cor, legendada em inglês e electronicamente em português

filmes de William E. Jones

Duração total da projeção: 99 minutos / legendados eletronicamente em português

William E. Jones tem sido apresentado ao longo destas sessões como um artista visual, um realizador de cariz experimental, ou um académico, cujo trabalho se concentra numa reflexão sobre a cultura contemporânea e a vivência homossexual. Nascido em 1962 numa comunidade conservadora, tem dedicado grande parte da sua prática artística a uma análise da cultura popular, recorrendo a imagens recolhidas no cinema, na televisão, na internet, entre outros materiais de arquivo de foro doméstico ou mais institucional. Nesse sentido, o *found-footage* desempenha um papel central na sua obra, nela aliado muito particularmente a um certo activismo homossexual, sendo talvez o seu filme mais referido **The Fall Of Communism As Seen In Gay Pornography** (1998), obra composta por excertos de filmes de pornografia gay realizados no ex-Bloco de Leste. Prosseguindo o seu trabalho “arqueológico”, no sentido de desenterrar camadas escondidas através da montagem de imagens e sons de diferentes proveniências, os “filmes de montagem” desta sessão deslocam-nos para outras latitudes.

O primeiro, **Discrepancy**, traduz para inglês e adapta o “manifesto” de Isidore Isou, “pai” do lettrismo, movimento artístico e literário francês de meados dos anos quarenta que antecedeu o situacionismo. As palavras pertencem ao filme experimental de Isou, **Traité de Bave et d'Éternité** (1951), manifesto da “montagem discrepante” assente num trabalho sobre a dissociação entre imagem e sons, que no filme de Jones são ditas pela voz eletrónica de um software conhecido como Alexa. Assentando o cinema de William E. Jones nos usos do *found-footage* e num trabalho sobre os encontros e desencontros entre imagens e sons,

percebemos a importância que este filme terá para a sua obra. Em **Discrepancy** a imagem que acompanha o texto corresponde a um mosaico com doze ecrãs, cujas imagens são autónomas, distinguindo-se de rectângulo para rectângulo: vemos um vulcão em erupção, excertos de actualidades e filmes de propaganda que aludem à China ou ao Vietname, mas também pontas de película ou imagens-vídeo com ruído electrónico equivalente ao rebobinar de uma cassete, que ocupam dois desses “sub-ecrãs”, reenviando para a transformação da natureza das imagens em movimento. No seu conjunto, todas estas imagens participam na destruição de uma possível relação entre texto e imagem, propósito explícito de William E. Jones.

All Male Mash Up é considerado um dos mais importantes trabalhos de Jones sobre a pornografia homossexual. Recorrendo exclusivamente a filmes pré-existentes, William E. Jones parece reavivar um mundo perdido, apresentando o filme uma certa nostalgia. Nesta montagem de filmes de outros realizadores, os diálogos são aqui muito escassos, mas a música atravessa todo o filme. O título é bem explícito a este propósito, dado que o termo “mash up” refere-se frequentemente a uma canção ou um vídeo composto a partir da mistura de várias canções/vídeos, normalmente pela transposição da voz de uma canção em cima da parte instrumental de outra. **All Male Mash Up** é assim uma virtuosa montagem ou assemblage de materiais que aludem ou provêm do domínio da pornografia ou do erotismo gay, cuja má qualidade de origem nos faz pensar numa colecção particular do realizador.

Em **V.O.** mantemo-nos no universo da reciclagem das imagens da pornografia homossexual, mas o filme revela-se como uma verdadeira experiência de “montagem discrepante”, pois assistimos a uma total dissociação entre a “banda de imagem” e a “banda de som”, que provém de uma esfera autónoma. Se a imagem pertence à mesma esfera do filme anterior, o som, constituído maioritariamente sob a forma de diálogos, deriva de filmes maioritariamente europeus com um cariz totalmente distinto das imagens. Produz-se assim um *détournement* bastante irónico e bem-humorado com a associação a uma suposta “versão original” enunciada pelo título. Há imagens que já estavam presentes em **All Male Mash Up** (se não são as mesmas imagens, são imagens dos mesmos filmes), mas também há raros momentos em que este tipo de imagens encontra afinidades com o som. A dada altura, discute-se a homossexualidade: “Acha que a homossexualidade pode ser uma posição política?”, pergunta o entrevistador. O entrevistado responde: “Acha que aos treze, quatorze anos, quando tive os primeiros impulsos sexuais, fiz da homossexualidade uma posição política?”. Palavras acutilantes de Jean Genet numa entrevista à BBC (*Saint Genet*), realizada pouco tempo antes da morte do escritor, como confirmaremos nos créditos finais. Mas, para lá de discrepante, **V.O.** é também desconcertante, pois enquanto vemos imagens eróticas ou pornográficas recicladas, o som reutiliza excertos do som de **Los Olvidados** ou de **Susana** (de Luis Buñuel), o texto de **A Sociedade do Espectáculo**, de Guy Debord, mas também inflamados diálogos românticos extraídos de **Amor de Perdição**, de Manoel de Oliveira. Contraste maior é difícil de obter.

Joana Ascensão